

BRASIL: POTÊNCIA AGROAMBIENTAL

GTPS
Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável

TRANSPARÊNCIA E CREDIBILIDADE: SER, PARECER OU CONSEGUIR PROVAR?



BEATRIZ DOMENICONI

Coordenadora executiva do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS)

As palavras que terminam o título não representam uma escala de importância. Quando queremos estabelecer uma relação de confiança, as três coisas são necessárias. Com o avanço da tecnologia e do acesso a informação, garantir transparência, coerência e responsabilidade se tornou papel fundamental das organizações que querem conquistar credibilidade nas relações institucionais, comerciais e, até mesmo, pessoais.

Quando o assunto é alimentação, confiança é um dos atributos mais importantes. Para o Brasil, o tema é relevante, pois o País figura entre os maiores produtores e exportadores de diversos alimentos. Apesar de não haver dúvidas quanto à capacidade brasileira de produção em volume e qualidade, ainda somos questionados quanto à responsabilidade socioambiental e ao uso de importantes tecnologias, como defensivos e medicamentos.

Embora, segundo a SPC Brasil, apenas três em cada dez brasileiros se considerem "consumidores conscientes", a preocupação com a origem dos produtos tem crescido e motivado empresas e setores inteiros a reverem seus modelos e processos de produção. As preocupações são tantas e as percepções são tão negativas que o que temos visto é a indústria inteira de alimentos tendo que provar aos seus consumidores que não está tentando envenená-los.

Como demonstrar aos consumidores que as tecnologias, quando bem aplicadas, são benéficas? Como transformar 60% do território preservado com vegetação nativa em vantagem competitiva para os produtos brasileiros frente àqueles produzidos em países onde não há conservação? Uma das soluções é 'garantia': garantia de que a tecnologia foi bem utilizada, dentro das normas e das orientações de boas práticas; garantia de que a exigente legislação está sendo cumprida; garantia de que não se está vendendo 'gato por lebre'.

Para o Brasil, o maior desafio é a escala. A Irlanda, por exemplo, orgulha-se (com razão) de ser capaz de rastrear 100% do seu rebanho e mostrar aos seus consumidores de quais fazendas vieram os animais para a produção de um hambúrguer. A identificação animal e a rastreabilidade ainda são grandes dificuldades para a pecuária de 200 a 220 milhões de cabeças no Brasil. A margem de erro entre as bases de dados brasileiras é três vezes maior do que o rebanho irlandês, mas isso não pode servir eternamente como desculpa para não evoluirmos em transparência e gestão.

Sem transparência, o Brasil seguirá com dificuldades de agregar bons valores aos seus produtos. Não basta sermos bons; precisamos ser capazes de provar que somos.

Em seu oitavo caderno em parceria com a ***Agroanalysis***, com o objetivo de conscientizar o setor sobre a importância da implementação de critérios de sustentabilidade para o desenvolvimento econômico, o GTPS reuniu entrevistas e artigos de importantes temas para a pecuária, bem como manejo de pastagens, movimentos de articulação da cadeia e transparência. Boa leitura!



O DILEMA DAS PASTAGENS



MAURÍCIO PALMA NOGUEIRA

Engenheiro agrônomo, sócio da Athenagro e coordenador do Rally da Pecuária

Ao longo de oito edições, o Rally da Pecuária foi a campo com os objetivos de avaliar as condições das pastagens, amostradas aleatoriamente, e entrevistar pecuaristas sobre a condução de seus sistemas de produção. Foram 5.800 entrevistas e 2.400 pastos avaliados.

Em todas as edições, a conclusão vem se repetindo. Produtores contatados, com o perfil do público do Rally, vêm reformando três a quatro vezes mais áreas do que é realmente necessário. A conclusão é obtida cruzando a avaliação de campo com respostas dos produtores que reformam áreas que poderiam simplesmente ser recuperadas. A diferença entre um e outro é a reinstalação das pastagens, mantendo ou substituindo a gramínea. Enquanto a reforma pressupõe revolvimento do solo, ressemeadura e nova formação, a recuperação é feita apenas por meio do controle das plantas invasoras e da correção e da fertilização das pastagens, tudo em superfície.



Entre as vantagens da recuperação, vale destacar os benefícios técnicos, com a possibilidade de se antecipar os usos da área e ambientais, por não ocorrer perda de matéria orgânica pelo revolvimento do solo, além de se mitigarem os riscos de erosão. A maior vantagem, no entanto, é econômica, uma vez que o custo da recuperação é, em média, 50% do gasto com a reforma.

Aí entram as oportunidades para os pecuaristas. Tomando por base a média das respostas das edições do Rally da Pecuária, o mesmo recurso dedicado à reforma de áreas – que poderiam ser recuperadas – é suficiente para reverter e frear o processo de degradação das pastagens em, no máximo, cerca de três a quatro anos. Bastam o diagnóstico correto, o uso de conhecimento técnico e a aplicação dos conhecimentos disponíveis em tratos culturais e manejo das pastagens.

Uma fazenda com boas pastagens possibilitará melhores retornos, com a genética disponível e as estratégias de suplementação do rebanho, seja no período chuvoso ou no seco. Produtividade e rentabilidade aumentam com ações simples que podem ser rapidamente incorporadas.

A viabilidade de implementação, com recursos praticamente disponíveis, acaba criando um efeito colateral na pecuária brasileira. Os produtores mais atentos e ágeis tendem a se adaptar rapidamente às técnicas mais adequadas, incorporando um salto de intensificação, que iniciará um círculo virtuoso de produtividade e rentabilidade.

Os preços de mercado, por sua vez, se ajustarão aos produtores que mais ofertam rezes na praça, ou seja, os mais produtivos. Preços mais competitivos acabam acelerando a exclusão dos produtores com mais dificuldades de incorporar tecnologia.

Aí está o dilema: não há sustentabilidade sem produtividade. Por outro lado, dada a realidade brasileira, o aumento do desempenho tende a excluir um contingente considerável de produtores, especialmente os menores.

Em qualquer discussão séria em torno do assunto, é fundamental que se busque soluções para reverter essa realidade: como implementar parâmetros de sustentabilidade sem causar a exclusão dos pequenos produtores?

Esse é o grande desafio do setor em torno de um dos maiores ativos econômicos e ambientais da agropecuária brasileira: as pastagens tropicais.

ENTREVISTA COM SHEILA GUEBARA

Redação da *Agroanalysis*



Pelo uso consciente de antibióticos na produção animal

Em setembro último, um grupo de associações ligadas ao setor produtivo lançou um movimento de conscientização sobre a resistência de antibióticos. Coordenadora da Aliança sobre o Uso Responsável de Antimicrobianos, Sheila Guebara fala sobre a importância do debate em torno do uso correto de medicamentos na produção animal.

Um dos principais desafios do setor de proteína animal é unir produtividade e segurança alimentar. Como você enxerga o uso de antibióticos dentro desse contexto?

É um dever ético de todos os envolvidos na cadeia de produção de proteína animal preocupar-se com a saúde dos consumidores e a sanidade dos animais sob seus cuidados – e o uso de antibióticos é fundamental nesse processo. O uso racional e responsável de agentes antimicrobianos tem efeito positivo sobre a segurança alimentar, pois favorece o ingresso de animais saudáveis na cadeia de produção de proteína animal, que é importante para o suprimento de alimentos seguros. Trata-se de uma tecnologia indispensável para a produção, mas que deve ser utilizada de forma responsável, sempre conforme a recomendação veterinária.

No total, doze associações setoriais participam da Aliança. Qual é a importância desse movimento colaborativo?

O envolvimento dessas associações traz muitos benefícios, já que contribui significativamente para a disseminação das informações geradas pela Aliança. Todo o conteúdo gerado é compartilhado com as entidades, que podem repassar essas informações aos seus associados e *stakeholders*. É preciso um esforço colaborativo entre todos os envolvidos com o setor de produção de proteína animal para lidar com a questão da resistência antimicrobiana.

Qual é o objetivo principal da iniciativa?

A missão central da Aliança é proteger a saúde e o bem-estar dos animais e colaborar para a produção de alimentos seguros. O objetivo dos esforços colaborativos é garantir que apenas agentes antimicrobianos aprovados pela autoridade regulatória sejam usados nos sistemas e que os controles apropriados certifiquem-se do uso racional e responsável desses produtos. Também é importante comunicar aos consumidores que o uso destes insumos na produção animal representa um risco baixíssimo à saúde humana.

QUANTO VALE A PERCEPÇÃO?



BRENO FELIX

Diretor de Tecnologia e Inovação da AgroTools e membro (tesoureiro) da Comissão Executiva do GTPS

O agronegócio é uma locomotiva em aceleração, por trilhos finitos. E a condição para seguir a viagem continuamente passa por alcançar o equilíbrio entre as terras de produção e de preservação.

Os holofotes estão na produção primária, que é uma atividade dinâmica e complexa, com excessivas variáveis e processos, leis, exigências, fiscalizações, compromissos, riscos e oportunidades.

Há todo momento, florescem iniciativas e/ou descobertas, permeando o campo em geral, com destaques e casos de sucesso, servindo de inspiração e motivação para todo o ecossistema rural.

Essas ilhas propagando progresso geram múltiplas oportunidades e evidenciam um vasto espaço para melhorar processos e técnicas e crescer em volume e produtividade, entre outros mecanismos que permitem ampliar e rentabilizar os ganhos do (agro)negócio.

E a melhor parte é que, sim, há dinheiro disponível para investir, aperfeiçoar e/ou performar o setor produtivo – em especial, para a pecuária de corte, entre outros motivos, por ser predominante em extensão territorial em todos os biomas.

Mas, para candidatar-se a esses recursos, o produtor precisa demonstrar, de forma confiável, que se preocupa e cuida da natureza, dos animais, dos funcionários, das finanças, das comunidades. E, de preferência, ele deve avisar sempre que for pulverizar, plantar, adubar, colher, comprar ou vender.

Enfim, o acesso aos recursos financeiros está diretamente ligado à capacidade de transparência que o produtor consegue e quer prover.

Entretanto, mesmo quando há total disposição do produtor em mostrar "a sua casa e até a sua cozinha", há um adversário chamado 'percepção'. Isso acontece porque a outra parte vai entender e perceber a situação por uma ótica diferente, e, logo, haverá algum nível de assimetria entre como o produtor e o financiador enxergam o mesmo negócio.

Portanto, o desafio está em reduzir essa assimetria de percepção.

Os principais atores do mercado financeiro, fomentados pelas novas regras do Banco Central do Brasil (BCB), estão vivenciando a transformação digital e, logo, melhorando sua leitura dos territórios-alvo e financiados. Assim, estão reduzindo as assimetrias e, até mesmo, antecipando-se às situações de estresse.

Por outro lado, ao produtor que pretende entrar no jogo, recomenda-se ter um bom mapa (do seu mundo e da paisagem em que está inserido), uma estratégia definida e um plano de ação em constante acompanhamento e revisão.

E, para a execução, recomenda-se um time com baixa resistência a inovação, pois é uma operação que cada vez mais vai requerer tecnologia no dia a dia. Para tanto, é essencial qualificar os sistemas e as soluções digitais a serem adotados, considerando o nível de maturidade, o histórico de atendimento, a disponibilidade de suporte, a segurança da informação, a quantidade e a satisfação de clientes, a simplicidade na interface e o uso.

E lembre-se: pior do que não ter um mapa, é ter um mapa errado... ■